

# A língua como objeto da Linguística

*Antonio Vicente Pietroforte*

Entre as muitas variações do tema de que contra a força não há argumentos, encontramos esta conhecida fábula de La Fontaine, traduzida pelo poeta Ferreira Gullar (La Fontaine, 1999:12-14):

## **O Lobo e o Cordeiro**

Na água limpa de um regato,  
matava a sede um Cordeiro,  
quando, saindo do mato,  
veio um Lobo carniceiro.

Tinha a barriga vazia,  
não comera o dia inteiro.

– Como tu ousas sujar  
a água que estou bebendo?  
– rosnou o Lobo, a antegozar  
o almoço. – Fica sabendo  
que caro vais me pagar!

– Senhor – falou o Cordeiro –  
encareço a Vossa Alteza  
que me desculpeis, mas acho  
que vos enganais: bebendo,  
quase dez braças abaixo  
de vós, nesta correnteza,  
não posso sujar-vos a água.

– Não importa. Guardo mágoa  
de ti, que ano passado,  
me destrataste, fingido!

– Mas eu nem tinha nascido.

– Pois então foi teu irmão.

– Não tenho irmão, Excelência.

– Chega de argumentação.

Estou perdendo a paciência!

– Não vos zangueis, desculpai!

– Não foi teu irmão? Foi o teu pai

ou senão foi teu avô –  
disse o Lobo carniceiro.  
E ao Cordeiro devorou.

*Onde a lei não existe, ao que parece,  
a razão do mais forte prevalece.*

Essa fábula, como a d'*A lebre e a tartaruga*, *Os dois amigos e o urso* e muitas outras vêm sendo contadas há bastante tempo. Contadas por muitos poetas e prosadores, as fábulas não possuem um só autor. A d'*A cigarra e as formigas*, por exemplo, tem uma versão do século v a.C., de Esopo, e outra, do século xvii, de La Fontaine. Algumas vezes, as personagens podem mudar. Numa versão indiana do tema de que o mais lento pode vencer uma corrida, quem perde a corrida é Garuda, o pássaro mágico de Vishnu.

Narradas há muito tempo e em muitos lugares, muitas foram as línguas dessas narrativas. Na Índia antiga, foram contadas em sânscrito, Esopo as contou em grego, Fedro, em latim, e La Fontaine, em francês. Assim, além de interessar as demais ciências humanas por seus aspectos históricos e culturais, por seus aspectos linguísticos as fábulas podem interessar o linguista.

A versão original d'*O lobo e o cordeiro*, de La Fontaine, é esta:

#### Le Loup et L'Agneau

La raison du plus fort est toujours la meilleure:  
Nous l'allons montrer tout à l'heure.  
Un Agneau se désaltérait  
Dans le courant d'une onde pure.  
Un Loup survient à jeun qui cherchait aventure,  
Et que la faim en ces lieux attirait.  
Qui te rend si hardi de troubler mon breuvage?  
Dit cet animal plein de rage:  
Tu seras châtié de ta témérité.  
– Sire, répond l'Agneau, que votre Majesté  
Ne se mette pas en colère;  
Mais plutôt qu'elle considère  
Que je me vas désaltérant  
Dans le courant,  
Plus de vingt pas au-dessous d'Elle,  
Et que par conséquent, en aucune façon,  
Je ne puis troubler sa boisson.  
– Tu la troubles, reprit cette bête cruelle,  
Et je sais que de moi tu médis l'an passé.  
– Comment l'aurais-je fait si je n'étais pas né?  
Reprit l'Agneau, je tette encore ma mère.  
– Si ce n'est toi, c'est donc ton frère.  
– Je n'en ai point. – C'est donc quelqu'un des tiens:  
Car vous ne m'épargnez guère,  
Vous, vos bergers, et vos chiens.  
On me l'a dit: il faut que je me venge.  
Là-dessus, au fond dos forêts  
Le Loup l'emporte, et puis le mange,  
Sans autre forme de procès.

Uma leitura atenta do texto em francês mostra que essa língua apresenta várias semelhanças com o português: *vous* e *vós*, *vos* e *vossos*, *an* e *ano*, *raison* e *razão*, *fort* e *forte*, *loup* e *lobo*.

Se essa comparação entre o francês e o português for levada mais adiante, analisando as duas línguas sistematicamente e considerando seus momentos históricos, é possível verificar que ambas tiveram como origem comum o latim, o que explica as semelhanças lexicais e gramaticais entre elas. Esse modo de fazer Linguística, comparando as línguas na busca de semelhanças e verificando a história de cada uma delas à procura de origens comuns, foi o método dominante da Linguística do século XIX, o chamado método histórico-comparativo.

Um dos teóricos mais importantes dessa época é, sem dúvida, Ferdinand de Saussure, que, além de contribuir para os avanços da Linguística histórica e comparativa com importantes trabalhos nesse campo de pesquisa, definiu, no início do século XX, um novo objeto de estudos para a Linguística. Em seu *Curso de Linguística geral*, ao tratar dessa questão da definição de um objeto de estudos, ele afirma:

Outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. Alguém pronuncia a palavra *nu*: um observador superficial será tentado a ver nela um objeto linguístico concreto; um exame mais atento, porém, nos levará a encontrar no caso, uma após outra, três ou quatro coisas perfeitamente diferentes, conforme a maneira pela qual consideramos a palavra: como som, como expressão duma ideia, como correspondente ao Latim *nudum*, etc. Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras.

(Saussure, 1969:15)

Quando Saussure comenta que a palavra *nu* corresponde ao latim *nudum*, está analisando a língua em suas mudanças históricas, já que, a partir de uma semelhança fônica entre *nudum* e *nu* e da informação histórica da antecedência do latim, ele estabelece uma relação entre elas. No entanto, quando analisa a palavra *nu* como som ou como a expressão de uma ideia, o ponto de vista histórico deixa de ser pertinente. Como som, tornam-se pertinentes informações fonéticas, e, como expressão de uma ideia, tornam-se pertinentes informações semânticas. Assim, dependendo do enfoque com o qual se trata um dado linguístico, temos um objeto de estudo diferente.

O *Curso de Linguística geral* teve sua primeira edição em 1916, três anos depois da morte de Saussure, em 1913. Ao contrário do que se poderia imaginar, tratando-se de uma das obras mais importantes da Linguística, o volume não foi escrito por Saussure. Trata-se de uma edição elaborada a partir de anotações de aula de seus alunos. Saussure ministrou três cursos na Universidade de Genebra. O primeiro data de 1907, o segundo, de 1908 e o terceiro, de 1910. Os editores do *Curso de Linguística geral* foram Ch. Bally, A. Sechehaye e A. Riedlinger.

Embora não haja menção ao termo dicotomias no texto do *Curso*, é assim que se costuma chamar os quatro pares de conceitos, que fazem uma síntese das propostas de Saussure para a criação de um novo objeto teórico para a Linguística. A palavra *dicotomia* deriva do grego *dichotomía*, que quer dizer “divisão em partes iguais”. Não se deve pensar, no caso de uma dicotomia presente no texto saussuriano, que se trata de algo que é dividido em dois, deve-se pensar de outro modo. Uma dicotomia em Saussure diz respeito

a um par de conceitos que devem ser definidos um em relação ao outro, de modo que um só faz sentido em relação ao outro.

Há quatro dicotomias em Saussure: *sincronia e diacronia* (1969:94-116), *língua e fala* (p. 26-28), *significante e significado* (p. 79-93) e *paradigma e sintagma* (p. 142-147). Vamos estudar uma de cada vez.

## Sincronia e Diacronia

(Saussure, 1969:94-116)

Como era feita a Linguística na época de Saussure? Não se deve pensar que Saussure foi o “inventor” da Linguística. Ele definiu um objeto de estudos para a Linguística. Ela já existia antes dele, só que desenvolvida de outro ponto de vista. Portanto, responder como era feita a Linguística na época de Saussure é investigar o que ele estudou em sua formação e o que fez com essa formação como linguista.

Durante o século XIX a Linguística estudou, basicamente, a mudança linguística. À semelhança da Biologia da época, a ponto de recorrer a uma nomenclatura própria dessa ciência, a Linguística estudava e classificava as línguas em grupos de famílias, tratando-as em termos de graus de parentesco.

A Linguística feita nessa época costuma ser chamada de Linguística Comparativa e Histórica (Robins, 1979:132-160). Chama-se comparativa porque sua metodologia de trabalho está baseada na comparação entre fenômenos linguísticos que se realizam em línguas distintas. Observando as palavras em algumas línguas modernas faladas na Europa, percebe-se, por exemplo, uma semelhança sistemática entre palavras do português, do espanhol, do francês e do italiano.

Na fábula de La Fontaine, o Cordeiro argumenta com o Lobo que não foi ele quem o ofendera; também não fora seu irmão, já que ele não tem irmãos. Em sua réplica, o Lobo diz: “Não foi teu irmão? Foi o teu pai ou senão foi teu avô.” Os nomes dados aos graus de parentesco são bons exemplos para mostrar, em nível lexical, as semelhanças entre línguas distintas:

português	espanhol	francês	italiano
pai	padre	père	padre

Um exame mais minucioso de outras propriedades lexicais e gramaticais dessas línguas leva à conclusão de que há muitas semelhanças entre elas e de que essas semelhanças são sistemáticas. Por isso, há um “grau de parentesco” entre elas. Comparando as semelhanças e as diferenças entre essas línguas, pode-se chegar a uma língua anterior, com base na qual essas diferentes línguas se originam. Essa língua anterior é como se fosse a “língua-mãe” daquelas “línguas-filhas”. Assim, pelo trabalho comparativo, é possível reconstruir o percurso histórico dessas línguas, ou seja, é possível determinar como uma língua muda através do tempo, transformando-se em outras línguas. No exemplo dado, o latim é a “língua-mãe” do português, do espanhol, do francês e do italiano que, entre outras línguas românicas, são suas “línguas-filhas”.

A partir disso, pode-se chegar a duas conclusões. A primeira diz respeito à determinação de um ponto de vista com o qual se estabelece um objeto de estudos. Estuda-se a língua, só que o que se observa nela são as suas mudanças. A mudança é, então, o objeto teórico.

A segunda conclusão diz respeito aos resultados dessa Linguística Comparativa e Histórica. Ainda com o exemplo do latim e de suas “línguas-filhas”, deve-se considerar que o latim, por sua vez, tem as suas “irmãs”. Também pelo método comparativo, pode-se verificar semelhanças entre o latim, o grego e o sânscrito, por exemplo. Ainda com a palavra *pai*, temos estes dados:

latim	grego	sânscrito
pater	patér	pitar

Comparando-se sistematicamente os dados dessas línguas, pode-se chegar ao indo-europeu, a “língua-mãe” do latim e de suas “irmãs”. Quais são, porém, os registros históricos de uma língua como o indo-europeu? A escrita apareceu tardiamente, de modo que muitas línguas não deixaram registros em documentos escritos. O trabalho do linguista, então, torna-se um trabalho de reconstrução de uma língua a partir dos vestígios que ela deixa nas línguas que dela se originaram. Ou seja, reconstrói-se a “mãe” a partir de suas “filhas” e das “filhas” de suas “filhas”. Foi assim com o indo-europeu, uma língua que, sem deixar registros históricos, foi reconstruída pelo método histórico-comparativo. Os linguistas do século XIX buscavam, comparando as línguas, organizá-las em grupos e reconstruir as línguas de que os grupos se originavam.

Foi nesse ambiente de pesquisas que Saussure estudou. Seu trabalho acadêmico versava, basicamente, sobre a Linguística indo-europeia. Seus estudos *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* e *L'emploi du génitif absolu en sanscrit* são trabalhos feitos dentro dessa área de pesquisa. Em sua época, Saussure foi um pesquisador brilhante. A *Mémoire* foi considerada por Antoine Meillet como “o mais belo livro de gramática comparada que já foi escrito” (Bouquet, 1997:62). Deve-se lembrar que seu autor tinha apenas 24 anos quando o escreveu.

A essa Linguística, que trabalha com mudanças que ocorrem nas línguas através do tempo, Saussure chamou linguística diacrônica (1969:96). A esse ponto de vista, ele opõe uma linguística sincrônica. *Diacronia*, do grego *dia* “através” e *chrónos* “tempo”, quer dizer “através do tempo”, e sincronia, do grego *syn* “juntamente” e *chrónos* “tempo”, significa “ao mesmo tempo”.

Fazendo uma distinção entre dois pontos de vista diferentes de olhar para o mesmo fenômeno, Saussure define um novo objeto de estudos para a Linguística. Contrariamente ao estudo da mudança linguística, o ponto de vista sincrônico vê a língua como um sistema em que um elemento se define pelos demais elementos. No estudo sincrônico, um determinado estado de uma língua é isolado de suas mudanças através do tempo e passa a ser estudado como um sistema de elementos linguísticos. Esses elementos são estudados não mais em suas mudanças históricas, mas nas relações que eles contraem, ao mesmo tempo, uns com os outros. Vamos exemplificar.

O Lobo da fábula “tinha a barriga vazia, não comera o dia inteiro”. Em seu estudo sobre os morfemas do português, Valter Kehdi (1996:8-9) analisa o verbo “comer” nos

dois pontos de vista, diacrônico e sincrônico. Diacronicamente, o verbo “comer” vem do latim *edere*, cujo radical é *ed-*. Como no presente do indicativo suas formas se confundiam com o verbo *esse*, no latim vulgar da península Ibérica o verbo *edere* passou a se realizar acompanhado do prefixo *cum-*, que designa companhia. Assim, *cum edere* passou a *cumedere* e, a partir dessa realização, a “comer” em língua portuguesa. Do ponto de vista diacrônico, o *com-* de comer não é um radical, mas um prefixo.

Sincronicamente, à medida que se deve isolar o português de seu processo de mudanças históricas, essa informação a respeito da origem latina dessa palavra deixa de ser pertinente, já que no ponto de vista sincrônico, os elementos linguísticos são estudados dentro de um mesmo recorte temporal. Considerando esse *com-* um elemento linguístico, que se define em relação aos demais elementos linguísticos que formam a língua portuguesa, ele define-se como um radical, já que “comer” se define em relação aos demais contextos morfológicos em que ele funciona como um radical, como em “comilança”, “comilão”, “comida”, e em relação aos radicais dos demais verbos da mesma língua, como em “beber”, “pitar” e “cair”.

Saussure (1969: 103-104) lança mão de uma metáfora para fazer a relação entre sincronia e diacronia. A língua comporta-se como o tronco de uma árvore em crescimento, de modo que um corte transversal em seu lenho revela uma relação sincrônica entre os elementos que o compõem e um corte longitudinal revela um desenvolvimento diacrônico desses estados sincrônicos.

A partir da dicotomia *sincronia e diacronia*, Saussure determina uma distinção entre fatos sincrônicos e fatos diacrônicos (1969: 107-111). Os fatos sincrônicos, como são de natureza sistemática, são gerais, mas não têm caráter imperativo. Isso quer dizer que os fatos sincrônicos estabelecem princípios de regularidade. Em português, por exemplo, todo verbo possui morfemas de modo e tempo e de número e pessoa, assim como todos os substantivos possuem morfemas de gênero e número. Isso é uma regularidade sistemática dos verbos e dos substantivos dessa língua. O verbo *comer*, por exemplo, conjugado na primeira pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, tem a forma “comêramos”, em que o *com-* é o radical, o *-e* é vogal temática de segunda conjugação, o *-ra* é o morfema de tempo pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo e o *-mos* é o morfema de 1ª pessoa do número plural. O substantivo *lobos*, por exemplo, tem como radical *lob-*, o *-o* como morfema de gênero masculino e o *-s* como morfema de número plural.

Trata-se de um fato geral, mas não imperativo, o que quer dizer que essa regularidade pode ser modificada em uma mudança de língua. Os substantivos do latim, a partir dos quais se originou boa parte dos substantivos do português, possuem em sua morfologia marcas de gênero, número e caso. Em latim, *lobo* é *lupus*, de modo que *lupus* tem gênero masculino, número singular e caso nominativo, o que significa que *lupus* é a forma empregada para expressar o sujeito da oração em que essa palavra ocorre. Para a função de objeto direto, por exemplo, emprega-se a forma *lupum*. Ao passar para o português, portanto, os substantivos latinos conservaram as marcas morfológicas de gênero e número, mas não conservaram as de caso. Assim, na mudança do latim para o português, essa regularidade dos substantivos latinos é modificada para uma outra regularidade dos substantivos do português. A regularidade sincrônica é, portanto, geral, mas não é imperativa, já que pode ser modificada na diacronia.

Os fatos diacrônicos são imperativos, já que se impõem à língua. Continuando com o exemplo dos substantivos em latim e em português, constata-se a perda da marca morfológica de caso. Esse fato de língua é um fato de mudança linguística que se refere a outra do mesmo modo. Como as línguas também têm um caráter sistemático, esse fato se realiza em todo o sistema, por isso ele é imperativo. Nenhum substantivo do português se em todo o sistema, recobrando tudo o que é classificado como substantivo nessas duas línguas. Assim, o fato diacrônico é imperativo.

Não se deve pensar que Saussure acrescentou um ponto de vista sincrônico a outro ponto de vista já existente, o diacrônico. Saussure, ao definir a língua como sistema e ao pensar a sincronia como o estudo de um sistema num dado momento do tempo, abre caminho para a redefinição também do conceito de diacronia, que vai ser entendida como a sucessão de diferentes sistemas ao longo do tempo. Imaginemos, por exemplo, que, em cada século, haja um estado de língua. Faz-se um estudo sincrônico do português do século XIII, do português do século XIV, etc. A diacronia é, então, a sucessão dessas sincronias.

A definição de um ponto de vista sincrônico não está restrita somente à proposta de uma metodologia de trabalho em Linguística. A partir dela, define-se um novo objeto de estudos que é a língua como um sistema. Os alcances dessa definição, porém, são mais bem compreendidos na dicotomia *língua e fala*.

## Língua e Fala

(Saussure, 1969:26-28)

No item anterior, há uma definição importante que foi comentada muito rapidamente. Trata-se da definição da língua como sistema. Ela é importante porque é a partir dela que Saussure define um novo objeto de estudo para a Linguística. Ela foi comentada sumariamente porque o que interessava, então, era discutir as orientações sincrônica e diacrônica do estudo da língua. As dicotomias saussurianas, embora possam ser estudadas uma de cada vez, só fazem sentido quando relacionadas umas com as outras.

Na fábula de La Fontaine, há um diálogo entre o Lobo e o Cordeiro. É justamente pela argumentação do Cordeiro e pelas réplicas e acusações do Lobo que se demonstra o tema de que contra a força não há argumentos. Na fábula, a argumentação é inútil porque contra a força não há argumentos e não porque o Lobo não entenda os argumentos do Cordeiro. Suas réplicas mostram que ele entende o que o Cordeiro diz, já que, para cada defesa do Cordeiro, o Lobo encontra uma acusação diferente. Assim, o que as duas personagens compartilham, ao dialogar, é a mesma língua, embora cada uma delas tenha uma fala diferente.

Se na dicotomia *sincronia e diacronia* se estabelecem duas maneiras de estudar a língua, na dicotomia *língua e fala* há a definição do conceito de *língua*. Para Saussure, a *língua*, na dicotomia *língua e fala* há a definição do conceito de *língua*. Para Saussure, a *língua* opõe-se a *fala*, porque a *língua* é coletiva e a *fala* é particular, portanto, a *língua* é um dado social e a *fala* é um dado individual. Além disso, a *língua* é sistemática e a *fala*

é assistemática. Pessoas que falam a mesma *lingua* conseguem comunicar-se porque, apesar das diferentes *falas*, há o uso da mesma *lingua*.

Na fábula, quando o Lobo acusa o Cordeiro com a *fala* “Como tu ousas sujar a água que estou bebendo?” e o Cordeiro responde com a *fala* “Senhor (...) encareço a Vossa Alteza que me desculpeis, mas acho que vos enganais: bebendo, quase dez braças abaixo de vós, nesta correnteza, não posso sujar-vos a água”, nota-se que ambos usam a mesma *lingua*, já que as duas falas compartilham do mesmo vocabulário e das mesmas regras gramaticais: há o uso de palavras comuns, como *sujar*, *bebendo*, *água*; nas orações, o complemento é colocado depois do verbo, como na *fala* do Lobo “tu ousas (verbo) + sujar a água que estou bebendo (complemento)” e na *fala* do Cordeiro “não posso sujar (verbo) + vos a água (complemento)”; há o uso das mesmas vogais e das mesmas consoantes em ambas as *falas*. Enfim, o Lobo e o Cordeiro falam a mesma *lingua* porque ambos dominam o mesmo sistema de elementos linguísticos, ou seja, palavras, ordem da colocação das palavras na frase, vogais, consoantes, entre outras propriedades. As *falas* são diferentes, mas o sistema linguístico usado para formá-las é o mesmo.

Para Saussure, o objeto de estudos da Linguística é a *lingua* (Saussure, 1969:28), e não a *fala*, de modo que uma *lingua* é definida como um sistema de elementos. Para entender essa definição, deve-se definir o que é um sistema e o que são os elementos que formam um sistema linguístico.

Pode-se definir um sistema como um conjunto organizado em que um elemento se define pelos outros. Um conjunto é uma totalidade de elementos quaisquer. Se eles estão organizados, isso quer dizer que um elemento está em função dos outros, de modo que a sua função se define em relação aos demais elementos do conjunto.

Em todas as fábulas, os animais representam funções sociais humanas, por isso é comum, em decorrência do período histórico a que as fábulas se referem, haver uma corte em que há um rei e seus súditos. O rei, geralmente, é um leão e seus súditos podem variar de bois a hienas e chacais. Uma corte é um conjunto organizado em que seus elementos estão definidos uns em relação aos outros. O que faz do rei ser um rei é o fato de ele não ser um de seus súditos, o que faz o bobo da corte ser um bobo da corte é ele não ser o rei, e assim por diante, na totalidade do conjunto.

Esse conjunto organizado em que um elemento se define pelos demais é um sistema, ou seja, uma estrutura. Pode-se definir uma *lingua* desse ponto de vista e foi essa contribuição teórica de Saussure que definiu um objeto de estudos dentro da Linguística.

Se a *lingua* pode ser estudada como um sistema, ela deve ser definida nos mesmos termos que um sistema. Portanto, uma *lingua* deve ser definida como um conjunto organizado em que um elemento se define em relação aos demais elementos. Deve-se, em seguida, definir esses elementos que pertencem a esse conjunto da *lingua*.

Dentro dos limites deste texto, vamos definir esses elementos como os signos linguísticos. A *lingua* é, portanto, um conjunto de signos em que um signo se define pelos demais signos do conjunto. Deve-se, em seguida, definir o que é um signo linguístico.

A essa altura do texto, repete-se o mesmo que ocorreu quando da definição de *lingua* como sistema no item *sincronia e diacronia*. A definição de signo será estudada com mais atenção na dicotomia *significante e significado*, de modo que ela será tratada, agora, sumariamente. No entanto, sem ela, não é possível compreender a definição sistemática de *lingua*, justamente porque é com a definição de signo que se definem os elementos linguísticos.



Um signo linguístico, como já se viu no capítulo sobre a teoria dos signos, é uma relação entre um conceito e uma imagem acústica (Saussure, 1969:80). Um conceito é uma ideia, um pensamento que serve para interpretar o mundo. Uma imagem acústica é a impressão psíquica de uma sequência articulada de sons (vogais, consoantes e semivogais). A palavra *lobo*, por exemplo, é um signo, pois nela o conceito de “mamífero carnívoro, da família *canidae*, que habita grandes regiões da Europa, Ásia e América do Norte” está associado à sequência de vogais e consoantes que forma a imagem acústica /lobo/. Ao conceito, Saussure chamou significado e à imagem acústica, significante (1969:81). O significado e o significante são as duas faces do signo linguístico.

Não se deve confundir signo com palavra. A palavra “comer”, por exemplo, é um signo, já que é formada pela imagem acústica /komer/ relacionada com o conceito de “ingerir alimentos sólidos”. No entanto, essa palavra é formada por signos menores, ou seja, os morfemas. Há em “comer” três morfemas: o radical *com-*; o morfema *-e*, que significa que o verbo pertence à segunda conjugação; e o morfema *-r*, que indica que o verbo está no infinitivo. Um morfema também é um signo, já que possui um significado e um significante. No morfema *-r*, por exemplo, o significado é o conceito de infinitivo e o significante é a imagem acústica da consoante /r/. Atenção, a imagem acústica /r/ só é um morfema quando a ela está associado um significado, o /r/ na palavra “rato”, por exemplo, faz parte do radical *rat-* só como uma consoante, sem ter nenhum significado isoladamente.

A língua, para Saussure (1969:23-24), é um sistema de signos, em que um signo se define pelos demais signos do conjunto. Por isso, ele desenvolveu o conceito de *valor*, isto é, o sentido de uma unidade, que é definida por suas relações com outras da mesma natureza (Saussure, 1969:130-141). Em “comer”, o radical só tem o seu valor linguístico em relação aos demais radicais da língua portuguesa, como o *beb-* de beber, o *viv-* de viver, etc.; o morfema *-e*, que indica a segunda conjugação, só tem esse valor em relação aos morfemas *-a* de primeira conjugação e *-i* de terceira conjugação. Em “loba”, por exemplo, há também um morfema *-a*, só que é um morfema cujo significado é o de gênero feminino, porque se define como feminino em relação ao morfema *-o*, de gênero masculino. Além do mais, o que define um morfema como radical é a sua relação com os morfemas desinenciais e vice-versa.

Saussure disse que na língua só há diferenças. Portanto, não só os signos se definem uns em relação aos outros, mas também os elementos que compõem os significantes, isto é, os sons, bem como os significados. Assim, o valor do /l/ só é dado em razão de sua oposição com o /r/. O primeiro só tem um valor dentro do sistema, porque serve para opor signos como *lata* e *rata*. Os significados de *ira*, *ódio*, *rancor* e *raiva* ganham seu valor dentro do sistema porque uns se opõem aos outros, cada um tem uma diferença semântica em relação aos outros.

Pode-se utilizar a metáfora da rede para descrever esse ponto de vista sistemático. O sistema linguístico pode ser entendido como uma rede, em que cada nó está relacionado com os demais nós que formam a rede, assim como os signos que formam um sistema linguístico estão relacionados entre si. Concebendo a língua como um sistema de signos, Saussure (1969:23-24) define um novo objeto de estudos para a Linguística. É desse modo que um ponto de vista determina um objeto de estudos: quando se observa a língua do ponto de vista sistemático, o que se reconhece nela é uma estrutura. Esse conjunto de relações que as unidades linguísticas mantêm entre si constitui uma forma. Por isso, Saussure diz

que a língua é forma e não substância. Esse conjunto de diferenças estabelece os conceitos e os sons na massa amorfa do pensamento e no plano fônico indeterminado que o aparelho fonador pode produzir. Para explicar melhor esse conceito, Saussure usá uma metáfora, a do jogo de xadrez. O que define o que é uma rainha, não é seu formato nem o material de que a peça é feita, mas seu valor no jogo, ou seja, sua oposição em relação às demais peças: os movimentos que ela pode fazer e as outras não podem. Não importa o material de que a peça é feito, nem seu formato. No limite, pode-se até jogar xadrez de memória, sem as peças. O que tem relevância é o valor das peças. Na língua, isso também ocorre. O que importa é o valor das unidades, ou seja, sua diferença em relação às demais.

Na dicotomia *lingua e fala*, Saussure separa os fatos de *lingua* dos fatos de *fala*: os fatos de *lingua* dizem respeito à estrutura do sistema linguístico e os fatos de *fala* dizem respeito ao uso desse sistema. Nos diálogos do Lobo com o Cordeiro o que interessa, para o estudo da *lingua*, é o sistema linguístico usado pelas duas personagens. Na acusação do Lobo “Como tu ousas sujar a água que estou bebendo?” e na defesa do Cordeiro “Senhor (...) encareço a Vossa Alteza que me desculpeis, mas acho que vos enganais: bebendo, quase dez braços abaixo de vós, nesta correnteza, não posso sujar-vos a água”, o fato de as duas personagens usarem o radical *beb-*, na palavra *bebendo*, é um fato de *lingua*, enquanto é fato de *fala* o radical ocorrer em uma acusação na *fala* do Lobo e em uma defesa na *fala* do Cordeiro.

De acordo com Saussure (1969:27), a dicotomia *lingua e fala* é pertinente à medida que os fatos de *lingua* podem ser estudados separadamente dos fatos de *fala*. Contudo, se nessa oposição entre *lingua e fala* aponta-se para a diferença entre um fato de *lingua* e um fato de *fala* (idem:26-27), Saussure não deixa de considerar, também, as interferências entre os dois tipos de fatos. Para ele, uma mudança no sistema pode advir de fatos de *fala* (idem:26-27), como as mudanças de produção dos sons que ocorrem na *fala* e alteram o sistema fônico. Só são pertinentes para o estudo do sistema da *lingua* quando interferem diretamente nas relações internas entre seus elementos sistematizados.

O aparecimento no sistema linguístico do português dos sons palatais /lh/ e /nh/ e o resultado da ação de uma semivogal /i/ sobre as consoantes /l/ e /n/. Quando essas consoantes eram seguidas de uma semivogal /i/, elas palatalizavam-se na fala e, aos poucos, essa palatalização passou a fazer parte do sistema da língua: *filiu* > *filho*; *mulier* > *mulher*; *vinia* > *vinha*. Esses sons palatais integraram o sistema da língua, quando adquiriram um valor diferencial, passando a distinguir signos diferentes: *mala versus malha*; *mana versus manha*.

Em certas regiões do país, algumas palavras com /lh/ perderam a palatalização. Pronuncia-se *mulé* em lugar de *mulher*. Nem, por isso, o som /lh/ desapareceu do sistema do português, nem mesmo nessas regiões. Esse é um fato de fala que não afetou o sistema. À medida que o sistema é estudado em suas relações internas, uma vez ocorrida a mudança oriunda da *fala*, ela passa das ocorrências particulares da *fala* aos domínios gerais da *lingua*, e é no sistema que ela passa, sincronicamente, a ser considerada.

Dirigindo novamente a atenção aos elementos linguísticos que formam o sistema linguístico, retoma-se ao estudo do signo (Saussure, 1969:79-93), que será mais bem examinado na dicotomia *significante e significado* (Saussure, 1969:81), por meio da qual ele é definido.

## Significante e Significado

(Saussure, 1969:79-93)

Se no estudo da dicotomia *sincronia e diacronia* o conceito de língua foi estudado rapidamente, para ser mais bem desenvolvido no estudo da dicotomia *língua e fala*, no estudo dessa última dicotomia o conceito estudado sumariamente foi o conceito de signo. Vamos estudá-lo com mais atenção.

Em princípio, a definição de signo linguístico parece simples. Saussure define signo como a relação entre uma imagem acústica, que ele chamou *significante*, e um conceito, que denominou *significado* (1969:81). Com essa definição de signo, ele estabelece os elementos que formam o sistema da *língua*, de modo que a definição de *língua* passa a ser a de um sistema de signos (idem:23-24).

A definição de signo, porém, traz implicações no que diz respeito ao estatuto da linguagem e a seu papel entre os fatos humanos. Há uma concepção de língua que, embora seja consensual entre muitos falantes, está completamente errada. Pensa-se, comumente, que se vive em um mundo repleto de coisas e que nos referimos a elas com palavras. Assim, há primeiro as coisas do mundo e depois aparecem as palavras para nos referirmos a elas. Nessa concepção, há uma relação direta entre palavras e coisas, de modo que a língua é entendida como uma nomenclatura.

Na tradução de Ferreira Gullar, a fábula de La Fontaine começa com uma descrição: "Na água limpa de um regato, matava a sede um Cordeiro, quando, saindo do mato, veio um Lobo carniceiro". Na história, portanto, há um regato, onde o Cordeiro mata a sede, e um mato, de onde sai o Lobo. Entendendo a língua como uma nomenclatura, quando lemos "mato" e "regato", o que se deve pensar é que há coisas no mundo, entre elas matos e regatos, e que a língua serve para nos referirmos a elas, como acontece quando lemos a fábula. Assim, há um regato, que é uma coisa, e a palavra "regato", que serve para designar essa coisa; por isso, como uma nomenclatura, a língua é entendida como uma relação entre palavras e coisas.

Com a definição de signo, Saussure demonstra que a relação não é esta, entre palavras e coisas, mas sim entre uma imagem acústica e um conceito, ou seja, entre um significante e um significado (1969:80). Isso implica que a língua não é uma nomenclatura, mas um princípio da classificação (1969:17). Vamos examinar isso melhor.

Se existe um mundo repleto de coisas e cabe à língua apenas nomeá-las, ela acaba por reduzir-se a um reflexo das coisas. Desse ponto de vista, a língua não tem um domínio próprio, pois, como um reflexo das coisas do mundo, é entendida apenas como coleção de nomes.

No ponto de vista de Saussure isso não acontece. Antes de tudo, ao afirmar que a relação é entre um *significante* e um *significado* (1969:80-81), a relação entre as coisas do mundo e as palavras deixa de ser considerada na definição de uma língua. O mundo e suas coisas passam para um domínio que está fora dos estudos linguísticos e a língua ganha uma especificidade própria. Um *significante* e um *significado* (1969:81) formam um signo, que, por sua vez, é definido dentro de um sistema (1969:23-24), ou seja, um signo ganha valor na relação com outros signos. Esse conceito de signo traz a significação para dentro da língua e de sua estrutura. O que significa são os signos em suas relações uns com os outros e não a relação entre as palavras e as coisas do mundo.

Se os signos significam dentro de um sistema linguístico, esse sistema compreende uma visão de mundo, ou seja, um princípio de classificação que, projetando-se sobre as coisas do mundo, classifica-as de acordo com sua estrutura interna. Um conceito, ou seja, um *significado*, é uma ideia que modela um determinado modo de compreender as coisas. Esse conceito deve, necessariamente, estar relacionado a um meio de expressá-lo. É preciso, então, relacionar o conceito a uma imagem acústica, ou seja, a um *significante*. Essa maneira de ver o mundo varia de língua para língua, já que cada uma delas é definida por um sistema próprio de signos. Além do mais, se é pela linguagem que se veem os fatos humanos, se definem esses fatos, eles podem ser modificados por meio dela. Isso não quer dizer que se pode modificar o mundo físico por meio da linguagem, mas que cabe a essa linguagem dar um sentido para as interpretações desse mundo. É esse mundo de sentido, formado pela linguagem, que pode ser modificado por ela.

Desse modo, pode-se afirmar que é a partir de uma língua que se veem as coisas do mundo e não o contrário. Enquanto na concepção da língua como uma nomenclatura são as coisas do mundo que determinam as “coisas” da língua, na concepção da língua como um princípio de classificação é a língua que determina as coisas do mundo. Assim, o signo não une uma palavra e uma coisa, mas um *significante* e um *significado* (Saussure, 1969:80).

Essa diferença de princípios de categorização da realidade, evidentemente, não impede a tradução de uma língua em outra, mas é justamente por sua causa que se discutem, entre os profissionais da tradução, os graus de tradutibilidade entre diferentes línguas.

Em uma de suas acusações, diz o Lobo ao Cordeiro da fábula: “Pois então foi teu irmão”. Em francês, diz o Lobo: “Si ce n’est toi, c’est donc ton frère”. No caso do português e do francês, há uma correspondência de sentido entre os signos *irmão* e *frère*, no entanto, essa correspondência deixa de existir se essas línguas são comparadas com o húngaro ou o malaio. O húngaro faz a diferença entre os sexos dos irmãos, como o português e o francês, mas também faz uma diferença entre a ordem dos nascimentos, de modo que *bátya* significa “irmão mais velho”; *öccs*, “irmão mais novo”; *néne*, “irmã mais velha” e *húg*, “irmã mais nova”. O malaio não faz nem a diferença de sexo nem a de idade: *sudarà* significa qualquer irmão, mais velho ou mais novo, homem ou mulher.

	húngaro	francês	português	malaio
irmão mais velho	bátya	frère	irmão	sudarà
irmão mais novo	öccs			
irmã mais velha	néne	soeur	irmã	
irmã mais nova	húg			

Isso quer dizer que o português, o francês, o húngaro e o malaio são línguas com princípios de classificação diferentes. Caso a fábula fosse traduzida para o malaio, não haveria problemas na escolha da palavra, embora ela não expressasse todos os significados da palavra francesa. No caso do húngaro, porém, qual escolher, *bátya* ou *öccs*?

Saussure afirma que o signo é arbitrário, já que não há uma relação de causa e efeito que motive a relação que une um significado e um significante. No signo *comer*, por exemplo, nada há na imagem acústica formada pela sequência de vogais e consoantes /komer/, o significante, que leve a uma relação direta com o conceito "comer", o significado. Arbitrário significa, portanto, não motivado. O significante não é motivado pelo significado. No entanto, Saussure afirma que há signos absolutamente arbitrários e signos relativamente arbitrários. A motivação relativa é a que se estabelece entre um signo e outros signos do mesmo sistema (1969:152-155). Saussure dá dois exemplos dessa motivação relativa do signo (1969:152-153). Diz ele que o signo *vinte* não é motivado, enquanto *dezenove* o é. *Dezenove* é relativamente motivado pelos signos *dez* e *nove* e por um princípio de numeração decimal próprio do português. *Dezenove* significa "dez mais nove", de modo que o signo *dezenove* é motivado por dois signos, *dez* e *nove*, que já fazem parte do sistema linguístico do português. Com *vinte* não se dá a mesma coisa, já que não existe o signo *dezedez*. A mesma coisa acontece com alguns dos signos que designam as plantas a partir de seus frutos. *Macieira* e *bananeira*, que derivam de *maçã* e *banana* mais o sufixo *-eira*, são motivados, mas *eucalipto* e *freixo* não o são, pois aqueles são relativamente motivados por *maçã* e *banana* e pelo processo morfológico que, em português, forma *bananeira*, *cerejeira*, etc., a partir de *banana*, *cereja*, etc.

Quando se fala em signo linguístico, pensa-se na relação do conceito com uma imagem acústica. Há, porém, outras formas de expressão além da linguística. Um desenho, por exemplo, é um signo, só que não é linguístico, mas visual. Se o significado for definido como um conceito e o significante como um meio de expressão que veicula esse conceito, a definição de signo torna-se mais abrangente, já que, além do significante entendido como imagem acústica, ela recobre outras formas possíveis de realizar um significante. Pode-se, então, afirmar que os signos linguísticos são apenas um tipo particular de signo, próprio da língua, dentro de um conjunto maior de tipos de signos.

Ao estudo do signo de um modo geral, Saussure (1969:23-24) chamou Semiologia. Mostrou que, em sua época, essa ciência geral dos signos ainda não existia, mas precisaria ser criada. Sem dúvida, muitos semiólogos, em especial Roland Barthes, cuidaram de estabelecer as bases dessa ciência no decorrer do século xx. Para Saussure (1969:24), a Linguística seria a ciência dos signos verbais, que, por sua vez, faria parte da Semiologia, a ciência dos signos em geral.

Há ainda uma última observação a respeito do signo linguístico. Saussure (1969:84) chama a atenção para o caráter linear do significante desse tipo de signo. O significante da língua é uma imagem acústica, que, quando se realiza na fala, forma uma substância sonora. Sendo da ordem do som, sua realização acontece no tempo, tomando a forma de uma duração. Contrariamente aos significantes visuais, que se realizam no espaço, os significantes sonoros, como os significantes linguísticos ou musicais, realizam-se no tempo, de modo que dois sons só se realizam em uma sucessão.

Essa propriedade linear dos signos da língua é importante para descrever as relações que eles estabelecem entre si. A questão da distribuição dos signos e de suas relações, à medida que também define um estado sincrônico de língua, é examinada por Saussure. Elas são tratadas no estudo da dicotomia *paradigma e sintagma* (Saussure, 1969:142-147).

## Paradigma e Sintagma

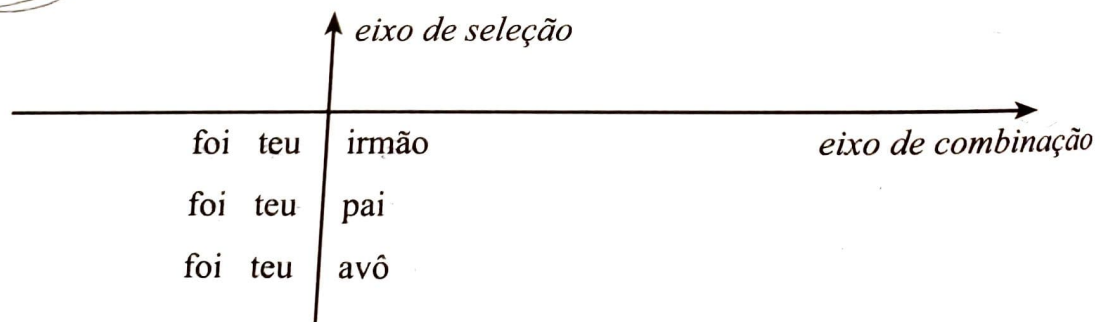
(Saussure, 1969:142-147)

Para Saussure, as relações entre os elementos linguísticos podem ser estabelecidas em dois domínios distintos. Vamos definir esses domínios.

Na fábula de La Fontaine, uma parte da argumentação dos dois animais diz respeito aos graus de parentesco:

- Não importa. Guardo mágoa de ti, que ano passado, me destrataste, fingido!
- Mas eu nem tinha nascido.
- Pois então foi teu irmão.
- Não tenho irmão, Excelência.
- Chega de argumentação. Estou perdendo a paciência!
- Não vos zangueis, desculpai!
- Não foi teu irmão? Foi o teu pai ou senão foi teu avô -

Tanto os argumentos de defesa do Cordeiro quanto os de acusação do Lobo estão baseados na seleção dos graus de parentesco. Observando as orações “foi teu irmão”, “foi teu pai” e “foi teu avô”, é possível verificar que as relações entre os elementos linguísticos dependem, basicamente, de uma seleção deles, que no caso do exemplo são *irmão* - *pai* - *avô*, e de uma combinação entre eles, que no caso é a sequência *foi teu* \_\_\_\_\_. Desse modo, pode-se afirmar que a linguagem tem dois eixos, um eixo de seleção e um eixo de combinação, que podem ser representados assim:



Em virtude do caráter linear dos *significantes*, há a impossibilidade de que os signos linguísticos ocorram simultaneamente na cadeia da fala. Assim, enunciados um após o outro, eles formam um alinhamento que os distribui em relações de combinação entre, no mínimo, dois elementos. Há, portanto, relações de combinação entre os signos. A essas relações, Saussure chama de *sintagmáticas* (1969: 142), do grego *syntagma*, que quer dizer “coisa posta em ordem”.

Além das relações sintagmáticas, baseadas na combinação, há também relações baseadas na seleção dos elementos que são combinados (Saussure, 1969:143). Apresentando algo em comum, um signo pode ser associado a outros signos por, pelo menos, três modos: por meio de seu *significado*, com seus antônimos e sinônimos; por meio de seu *significante*, com imagens acústicas semelhantes; e por meio de outros signos, em processos morfológicos comuns.

Saussure, a partir do signo *ensinamento* (1969:145-147), exemplifica cada um desses três modos de associação. Por meio do *significado*, associa-se *ensinamento* a *aprendizagem*, *educação*, etc. Por meio de seu significante, associa-se *ensinamento* a *elemento*, *lento*, etc. E, por meio de outros signos, em processos morfológicos comuns, *ensinamento* associa-se a *ensinar*, *ensinemos*, etc., por ter o mesmo radical, e associa-se a *desfiguramento*, *armamento*, etc., por ter o mesmo sufixo. A essas relações entre os elementos do sistema linguístico Saussure chama relações associativas (1969:145). Contudo, para se referir às relações associativas entre os signos, a Linguística consagrou o termo relações paradigmáticas, do grego *paradéigma*, que significa modelo, exemplo.

Assim, estabelece-se a dicotomia *paradigma e sintagma* (Saussure, 1969:142-147), na qual se definem, respectivamente, as relações de seleção e as relações de combinação entre os elementos linguísticos.

Saussure definiu, em sentido amplo, as relações paradigmáticas e sintagmáticas. Para tornar operacionais os conceitos de sintagma e de paradigma, a Linguística posterior a Saussure vai precisá-los. O paradigma não é qualquer associação de signos pelo som e pelos sentidos, mas uma série de elementos linguísticos suscetíveis de figurar no mesmo ponto do enunciado, se o sentido for outro. Assim, no enunciado *foi teu avô*, no lugar de *teu*, poderiam figurar, se o sentido do enunciado fosse outro, os termos *seu*, *meu*, *nosso*, *o*, *um*, etc. Esses elementos constituem um paradigma, do qual o falante seleciona um termo para figurar no enunciado. Por outro lado, no sintagma não se combinam quaisquer elementos aleatoriamente. A combinação no sintagma obedece a um padrão definido pelo sistema. Assim, por exemplo, podem-se combinar um artigo e um nome e, nesse caso, o artigo deve sempre preceder o nome. Em português, é possível a combinação *o irmão*, mas não a combinação *irmão o*. Por essa razão, não se deve confundir *paradigma* com *língua* e *sintagma* com *fala*. Tanto um quanto outro pertencem ao sistema, aquele por estabelecer os elementos que podem figurar num dado ponto da cadeia falada e este por obedecer a um padrão rígido de combinação.

A diferença entre as relações sintagmáticas e as paradigmáticas não é a mesma que existe entre *língua* e *fala* (Saussure, 1969:26-28). Aquelas, por relacionar no mínimo dois elementos linguísticos, são um tipo de relação em que os elementos relacionados se encontram em presença um do outro, já as relações paradigmáticas, porque dizem respeito à seleção entre elementos, são um tipo de relação em que o elemento selecionado exclui os demais elementos da relação. Assim, as relações paradigmáticas entre os elementos linguísticos ocorrem em ausência, ao contrário das sintagmáticas, que ocorrem pela presença dos elementos relacionados (Saussure, 1969:143). Já *língua* se distingue de *fala* porque a definição de *língua* coincide com a de sistema de signos e a de *fala* refere-se à realização desse sistema em um ato individual de fonação (Saussure, 1969:27). Assim, tanto as relações paradigmáticas quanto as sintagmáticas estão no domínio da *língua*, e não da *fala*, porque dizem respeito às relações entre os elementos que formam o sistema da *língua*. Como a *fala* é uma realização do sistema linguístico, ela realiza as relações de combinação determinadas por esse sistema.

O segundo equívoco diz respeito ao estatuto dos elementos relacionados. Se signo for confundido com palavra, as relações paradigmáticas se dão entre as palavras de uma língua e as relações sintagmáticas são as relações sintáticas dessa língua. Contudo, essa confusão entre signo e palavra não deve ser feita. Embora uma palavra seja um signo,

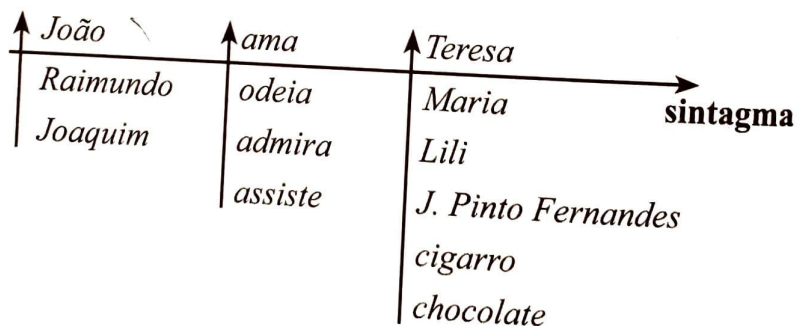
um signo não é, necessariamente, uma palavra. Os morfemas, que formam as palavras, também são signos.

Para os verbos regulares do português, Mattoso Câmara (1986:65-71) determina uma sequência para a combinação de seus elementos morfológicos, que pode ser formulada assim: [radical] + [vogal temática] + [morfema de modo e tempo] + [morfema de número e pessoa]. Em *amaremos*, por exemplo, o radical é *am-*, a vogal temática é *-a*, o morfema de modo e tempo é *-re* e o morfema de número e pessoa é *-mos*. Em nível morfológico, a combinação [radical] + [vogal temática] + [morfema de modo e tempo] + [morfema de número e pessoa] descreve um *sintagma*, e os radicais e seus afixos que podem ser selecionados, como *am-*, *com-*, *beb-*; em *-a*, *-e*, *-i*; etc., são os *paradigmas* que podem ocupar essa posição no *sintagma*.

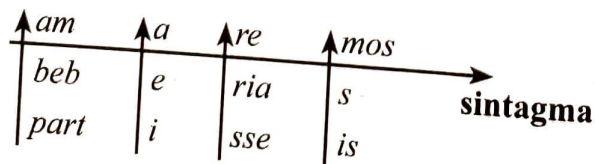
Tanto na frase, em nível sintático, quanto na palavra, em nível morfológico, podem ser determinadas relações *sintagmáticas* e *paradigmáticas*. Em uma representação gráfica, costuma-se colocar o *sintagma* como um eixo horizontal e o *paradigma* como um eixo vertical. Assim, na frase *João ama Teresa* e na palavra *amaremos*, há um eixo horizontal sobre o qual se dispõem os elementos linguísticos combinados em um *sintagma*, e há eixos verticais, para cada posição do sintagma, sobre o qual se dispõem os elementos linguísticos que podem, por meio de relações paradigmáticas, ocupar essa posição.

Esquemáticamente, pode-se representar os exemplos assim:

#### paradigma



#### paradigma



Esse exemplo mostra que tanto as relações paradigmáticas quanto as sintagmáticas ocorrem em todos os níveis da língua: o dos sons, o dos morfemas, o das palavras. Além disso, é preciso notar que os elementos linguísticos só contraem essas relações dentro do nível a que pertencem: sons relacionam-se paradigmática e sintagmaticamente com sons; morfemas com morfemas; palavras com palavras. Por exemplo, no lugar inicial da palavra *mata* poderiam figurar os sons *l*, *b*, *r*, *k*, *d*, etc. Esses sons constituem um paradigma. Por outro lado, há regras muito estritas de combinação dos sons: por exemplo, não se pode combinar em português em posição pré-vocálica os sons *k*, *b*, *d*. A mesma coisa ocorre no nível dos morfemas e das palavras.



Embora Saussure defina as relações paradigmáticas e sintagmáticas basicamente em termos linguísticos, elas podem ser determinadas em outros sistemas de signos. Ou seja, a dicotomia *paradigma e sintagma* vale para outras semiologias além da Linguística.

Em seus *Elementos de semiologia*, Barthes discute essa aplicação dos dois eixos de relações em outros sistemas de signos além da língua (1992:61-91). Entre eles, Barthes comenta a refeição e o vestuário (1992:67). Para a refeição, o eixo sintagmático descreve a sequência em que os pratos são servidos, como a sequência antepasto + pratos frios + pratos quentes + sobremesa. Os tipos de antepastos, pratos frios, pratos quentes e sobremesas que podem ocupar os lugares da sequência sintagmática são descritos pelo eixo paradigmático. Para o vestuário, o eixo sintagmático descreve a combinação das diversas peças de roupa usadas por uma pessoa (calça, camisa, meia, etc.). Os diversos tipos de calças, camisa, etc., dentre os quais se pode selecionar um, pertencem ao eixo paradigmático.

Nosso texto não termina com Saussure. Suas propostas foram comentadas e desenvolvidas por outros linguistas. Dentre esses desenvolvimentos, vamos expor apenas os conceitos de dupla articulação da linguagem e de norma, desenvolvidos, respectivamente, por André Martinet e Eugenio Coseriu.

## Martinet e a dupla articulação da linguagem

(Martinet, 1978:10-17)

Martinet está na mesma tradição de pesquisas que Saussure, pois ambos compartilham da concepção sistemática de língua. De suas propostas, vamos tratar da dupla articulação da linguagem (Martinet, 1978: 10-12), já que nela é discutida a natureza dos elementos linguísticos.

Martinet afirma que a linguagem é duplamente articulada. O que quer dizer isso? Antes de tudo, deve-se entender o que é articulação. Em latim, a palavra *articulus* significa “parte, subdivisão, membro”. Portanto, quando se diz que a língua é articulada o que se quer dizer é que as unidades linguísticas são suscetíveis de ser divididas, segmentadas, recortadas em unidades menores. Para Martinet, todo enunciado da língua articula-se em dois planos. No primeiro, articulam-se as unidades dotadas de sentido. A menor dessas unidades é o morfema (chamado *monema* pelo linguista francês). A frase *Os lobos andavam* pode ser segmentada nos seguintes morfemas: *o*, artigo definido; *-s*, morfema de plural; *lob-*, radical que significa “grande mamífero carnívoro da família dos canídeos”; *-o*, morfema radical que significa “grande mamífero carnívoro da família dos canídeos”; *-o*, morfema de masculino; *-s*, morfema de plural; *and-*, radical que significa “dar passos, caminhar”; *-a*, morfema que indica que o verbo pertence à primeira conjugação; *-va*, morfema modal-temporal que indica o pretérito imperfeito do indicativo; *-m*, morfema número-pessoal que indica a 3ª pessoa do plural. Essa é a primeira articulação da linguagem. Nela, as unidades são dotadas de matéria tônica e de sentido, ou seja, são compostas de significado e de significante. Portanto, nesse plano, o enunciado pode ser recortado em unidades menores dotadas de sentido, ou seja, morfemas, palavras, sintagmas (combinações de palavras). Cada uma dessas unidades pode ser substituída por outra no eixo paradigmático ou pode combinar-se com outras no eixo sintagmático.

Cada morfema pode, por seu turno, articular-se, dividir-se, em unidades menores desprovidas de sentido. Essas unidades são os fonemas. O morfema *lob-* pode articular-

se nos fonemas /l/, /o/ e /b/. Essa é a segunda articulação da linguagem. Nesse plano as unidades têm apenas valor distintivo. Assim, quando se substitui o /l/ do morfema *lob-* por /b/ se produz um outro radical, *bob-*, que aparece na palavra *bobo*.

A dupla articulação da linguagem é um fator de economia linguística. Com poucas dezenas de fonemas, cujas possibilidades de combinação estão longe de ser todas exploradas em cada língua, formam-se milhares de unidades de primeira articulação. Com alguns milhares de unidades de primeira articulação forma-se um número ilimitado de enunciados. Se os homens produzissem um som diferente para expressar cada uma de suas experiências ou para designar cada elemento da realidade teriam uma sobrecarga na memória e, além disso, o aparelho fonador não seria capaz de emitir a quantidade de sons diferentes necessários para isso nem o ouvido seria capaz de apreender todas essas produções fônicas.

## Coseriu e a noção de norma

(Coseriu, 1987: 13-85)

Coseriu reformulou a dicotomia saussuriana *língua e fala*. De acordo com Saussure, a *língua* é um sistema de signos e a *fala* é a realização desse sistema, de modo que a *língua* tem uma natureza social e a *fala*, uma natureza individual. No entanto, quando se presta atenção na *fala*, é possível determinar formas de realização que não são de natureza individual, mas também não são realizadas por todos os falantes de uma mesma língua. Os diferentes sotaques, o uso de vocabulários próprios de alguns grupos sociais, a presença ou não de concordâncias verbais e nominais, etc. caracterizam modos de realização linguística que não são próprios nem de um só indivíduo nem de todos os falantes de uma língua, mas caracterizam variantes linguísticas de uma mesma língua. Como a dicotomia *língua e fala* define seja um domínio social comum a todos os falantes, seja domínios individuais específicos, não há um modo de utilizá-la para um estudo das variantes linguísticas, que não pertencem nem a esse domínio social comum de todos os falantes de uma mesma língua nem são próprias de um só falante.

Para descrever essas variantes, Coseriu propõe que a dicotomia *língua e fala* seja redefinida para *sistema versus norma versus fala*, de modo que as variantes linguísticas sejam descritas nos domínios da *norma*. Na tríade proposta por Coseriu, a *fala* continua da ordem do individual, mas o conceito de *língua* é modificado. Ele afirma que “a língua, no sentido amplo do termo, não é apenas sistema funcional, mas também realização normal” (1987:54). O *sistema* funcional coincide com o conceito de *língua* de Saussure, no entanto, o que Coseriu chama *língua* é o *sistema* articulado com suas *normas*, ou seja, com suas variantes linguísticas. Assim, o conceito de *língua*, para Coseriu, abrange o *sistema*, que é do domínio de todos os falantes de uma mesma língua, e as *normas*, que, como variantes desse *sistema*, são do domínio de grupos sociais, regionais, etc.

Vamos exemplificar com o sotaque. A consoante /r/ tem, em português do Brasil, pelo menos três variantes quando ocorre em final de sílaba. O /r/ de “porta”, por exemplo, pode ser pronunciado como os paulistas, como os paulistanos ou como os cariocas. Assim, enquanto o /r/ é uma consoante que pertence ao *sistema* da língua portuguesa, as suas variantes estão nos domínios de três normas regionais diferentes: a paulista, a paulistana e a carioca.

Coseriu determina quatro tipos de variantes linguísticas: as diatópicas, que dizem respeito às variantes regionais do uso da língua; as diastráticas, que concernem às variantes de uso de diferentes grupos sociais de falantes; as diafásicas, que dizem respeito às variantes em situações de uso formal ou informal do discurso; e as diacrônicas, que concernem às diferenças linguísticas que, em um determinado grupo, aparecem em decorrência da faixa etária dos falantes. As variantes diatópicas são geográficas, as variantes diacrônicas são históricas e as variantes diastráticas e diafásicas, sociais.

Com o conceito de norma, os estudos linguísticos fundam uma Sociolinguística, que observa com atenção as relações entre a língua e os fatores sociais, geográficos e históricos que determinam sua realização.

## Bibliografia

- BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1992.
- ROBINS, R. H. *Pequena história da Linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- BOUQUET, S. *Introduction à la lecture de Saussure*. Paris: Payot & Rivages, 1997.
- CÂMARA, J. M. *Problemas de Linguística descritiva*. 12ª ed., Petrópolis: Vozes, 1986.
- CARONE, F. *Subordinação e coordenação*. São Paulo: Ática, 1988.
- COSERIU, E. *Teoria da linguagem e linguística geral*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- KEHDI, V. *Morfemas do português*. 8ª ed., São Paulo: Ática, 1996.
- LA FONTAINE. *Fábulas*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- LOPES, E. *Fundamentos de Linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MARTINET, A. *Elementos de Linguística geral*. 8ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

## Sugestões de leitura

Evidentemente, a primeira sugestão é o *Curso de Linguística geral*. Há uma tradução do *Curso* em português, publicada pela editora Cultrix. Ao longo do nosso texto, marcamos as páginas em que, nessa edição, estão expostos os conceitos que buscamos discutir.

Recomendamos também a leitura da obra de autor de que não tratamos neste capítulo, Louis Hjelmslev. Ele discute e repensa os conceitos saussurianos. A leitura de Hjelmslev não é fácil, mas, se for feita com atenção, pode oferecer subsídios importantes para qualquer estudante que queira dedicar-se aos estudos da linguagem, dentro do objeto teórico definido por Saussure. Suas obras traduzidas para o português são *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* e *Ensaio linguísticos*, ambas da editora Perspectiva.

Para um estudo das relações entre língua e discurso, recomendamos o livro *Linguagem e ideologia*, de José Luiz Fiorin, da editora Ática. Nele, o autor, além de discutir as relações entre linguagem e ideologia nos domínios da dimensão discursiva da linguagem, faz uma análise do que é sistemático e do que é discursivo nos domínios da língua.

Gostaríamos de recomendar, ainda, o *Dicionário de Linguística*, organizado por Jean Dubois *et alli*, da editora Cultrix, e o *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*, de Tzvetan Todorov e Oswald Ducrot, da Editora Perspectiva. Qualquer dúvida, seja de terminologia, seja de campo da pesquisa linguística, pode ser resolvida, em parte, com uma consulta a essas duas obras.